

POLÍTICAS PÚBLICAS, GÊNERO E TRABALHO

II SEMINÁRIO NACIONAL DE TRABALHO E GÊNERO

**SESSÃO TEMÁTICA: MEMÓRIA E NARRATIVAS DE TRABALHO
E DE GÊNERO**

**A VIDA DA MULHER SERTANEJA: ALGUMAS INCURSÕES NO CAMPO DO
TRABALHO E DE GÊNERO ATRAVÉS DA OBRA DE MARIA ELOÁ DE SOUSA
LIMA**

CINTYA MARIA COSTA RODRIGUES¹
rodriguescintya@uol.com.br

¹ Antropóloga doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, professora do Departamento de Ciências Sociais da FCHF- UFG.

A vida da mulher Sertaneja: algumas incursões no campo do trabalho e de gênero através da obra de Maria Eloá de Sousa Lima.

RODRIGUES, Cintya Maria Costa (UFG)

O trabalho da mulher sertaneja do início do século XX na região sudoeste de Goiás encontra na obra da escritora Maria Eloá de Souza Lima um lugar significativo. Mesmo afirmando que esse lugar foi cunhado sem um propósito definido, os relatos da escritora fazem pensar sobre o modo como a atuação de sua identificação com os lugares e as pessoas da região se aliaram ao seu compromisso de escritura e à problemática de gênero e trabalho. A obra de Maria Eloá destaca as memórias femininas resgatadas em uma realidade que até pouco tempo foi escrita e imaginada historicamente através dos feitos heróicos de homens. Nesse sentido, a literatura de Maria Eloá “restaura lugares e categorias de pessoas” (POLLAK, 1986) e avança ao focalizar espaços, trabalhos, sentimentos, objetos e histórias de mulheres fazendeiras, negras, escravas e trabalhadoras rurais, não encontradas em histórias oficiais sobre o passado regional.

Palavras chave: Literatura, Narrativas, Gênero, Memória

I - Introdução

Este trabalho é parte de um texto mais amplo produzido na forma de tese de doutorado, sobre as trajetórias de seis escritores locais goianos e a construção simbólica da região sudoeste de Goiás (RODRIGUES, 2006). Entre os escritores pesquisados, a escritora Maria Eloá de Sousa Lima se destaca pelo modo como articula literatura, biografia, vínculo com o lugar de referência literária e um compromisso político em escrever sobre os acontecimentos e as categorias de pessoas não contempladas pelos textos locais. A trajetória dessa escritora entrelaça-se com os seus textos de tal forma que mesmo em livros como *Ana Prudenciana* que se afasta do gênero memorialístico, tem-se a impressão de que as personagens fizeram parte de sua vida cotidiana, real. A sua predileção pelas personagens femininas é facilmente identificada em toda a sua obra. São personagens sofridas, negras, ex-escravas e trabalhadoras das fazendas do Sudoeste de Goiás. As mulheres fazendeiras, grupo ao qual a escritora também se inclui, aparecem representadas por personagens fortes, trabalhadoras, donas dos seus destinos e parceiras dos homens nas fazendas de gado. Essa ênfase articulada e não assumida pela autora, entre o gênero

feminino e o trabalho é privilegiada nesta reflexão. A proposta é entender a trajetória da escritora dentro dos caminhos que ela mesma traçou para a sua literatura, considerando a sua inserção no mundo sobre o qual ela escreve. A opção biográfica adotada neste artigo, seguiu a forma temática e não cronológica em que a autora relatou a sua vida e a incluiu em sua literatura na forma de relatos biográficos em livros e nas histórias das obras. Entende-se assim, que a literatura (o ato literário) torna pública a experiência de pessoas em todos os aspectos, em suas ambiguidades e atrocidades. O sentido de “publicidade” aqui utilizado aproxima-se do “dizível”, daquilo que está oculto ou não revelado, sendo a Literatura, um lugar onde esses sentidos e desejos podem se expressar (Pollak, 1986, p. 20). Talvez seja esse o sentido almejado por Maria Eloá: trazer uma pluralidade de vozes não ouvidas para o espaço discursivo de sua literatura.

II- Vida e Literatura

A escritora Maria Eloá nasceu em uma fazenda, na região da Serra do Cafezal, município de Serranópolis-GO de onde saiu em 1943, com vinte anos de idade, para cursar o primário na cidade sudoestina de Rio Verde. Nessa cidade, estudou em escola profissionalizante que ensinava técnicas agrícolas e enfermagem. Esse momento é narrado pela escritora, em um trecho biográfico do seu livro *Serra do Cafezal*, como um período de *descoberta*:

Corria o ano de 1944. Eu gostava da escola, dos professores e dos colegas. Descobri a Biblioteca Pública e comecei a ler desordenadamente. Nunca em minha vida lera tanto. Travei conhecimento com muitos autores dos quais nem de leve sabia da existência: Jorge de Lima, Guerra Junqueira, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo e tantos e tantos outros que nem posso enumerar. Apaixonei-me completamente por Pablo Neruda e lia e relia seus belos poemas com a unção de quem recita uma prece. Entre os livros da Biblioteca Pública, descobri os “Escândalos do Petróleo e do Ferro” e pude conhecer um Monteiro Lobato diferente daquele que tanto me encantara em “A menina do narizinho arrebitado”. Um Monteiro Lobato de látego em punho a vergastar desassombrado os corruptos da época (LIMA, 1988, p. 30).

A narradora também apresenta, no mesmo livro, o que ocorria, segundo a sua percepção, no contexto dessa época na cidade de Rio Verde:

Em Rio Verde, naquele ano de 1944, só se falava em Direitos Humanos, reforma agrária, anistia para os presos políticos, partida para a Europa da Força Expedicionária Brasileira, Democracia, Estado Novo, imperialismo, capitalismo, socialismo, o povo, eleições, Getúlio, Prestes, Hitler, Mussolini, De Gaulle, Roosevelt, Churchill, Petain, Paris ocupada, Rússia, o exército vermelho, a batalha de Stalingrado, a cobra vai fumar, câmbio negro, racionamento, vitória na guerra, Brasil. Formou-se na cidade grupos que defendiam os mais diferentes pontos de vista, desde o integralismo ao comunismo. As escolas organizavam passeatas no dia 21 de abril e nos discursos se misturavam a exaltação de Tiradentes à necessidade urgente de se acabar com Hitler e Mussolini. Dava-se vivas ao Brasil e morras à Alemanha (LIMA, 1988, p. 31).

A entrada tardia na escola é uma diferença da trajetória de Maria Eloá com os outros escritores sudoestinos. Ingressar na escola com vinte anos de idade e no momento histórico que a própria escritora contextualiza, trouxe para os primeiros anos de estudos escolares outras percepções da realidade, outros significados. É nessa época, como se verá mais adiante, que a escritora descobre o Partido Comunista e se filia a ele. A partida para Rio Verde a faz ver de uma outra forma o mundo da fazenda.

O transcurso entre Rio Verde e a Fazenda durante o período de estudos retrata as suas condições como estudante de poucos recursos financeiros e a situação da região da época:

Passei outra vez um ano inteirinho sem ir em casa. A viagem de Rio Verde à Jataí e de Jataí à Fazenda Santa Clara não era fácil. Nas férias mais longas do fim do ano, eu pegava a carroceria de algum caminhão de pessoa conhecida que vinha de Uberlândia ou de São Paulo e me encarapitava em cima dos caixotes e fardos de tecidos, rumo à Jataí [...] Anteriormente, eu avisava por carta do dia da minha chegada a Jataí e eu meu pai mandava alguém com um cavalo arreado me buscar (LIMA, 1988, p. 31).

Maria Eloá relata a saída da fazenda como almejada, mas difícil, devido às condições financeiras da família. Para ela a mãe exerceu um papel fundamental na sua formação intelectual básica e é ela que é lembrada, exercendo um papel importante, ainda no campo.² A propósito, segue o relato de Maria Eloá em um trecho de sua entrevista para este trabalho:

² As informações biográficas sobre a escritora foram retiradas de seu relato biográfico oral através de entrevista específica. No entanto, também foram utilizadas as narrações biográficas contidas na primeira parte do livro *Serra do Cafezal* e outras informações sobre a vida da autora contidas em outros livros de história local de outros escritores. As falas da autora citadas sem indicação de fonte advêm dos relatos orais. É importante salientar, que a utilização dos relatos orais e narrações biográficas buscou aproveitar a riqueza dos pequenos trechos das biografias escritas, na maioria das vezes redigidas pelos próprios autores em prefácios ou partes de seus livros.

Maria Eloá - Primeiro, eu teria que voltar lá atrás. Acho que eu ilustraria melhor a minha história dizendo que a minha primeira professora foi a minha mãe. Eu falei isto?

Cintya - Não.

Maria Eloá - A minha mãe era uma fiandeira, uma tecedeira. Ela alfabetizou todos os filhos. Então, era minha mãe fiando. Tinha sempre um banquinho baixo ao lado da roda e ali quase sempre tinha uma criança. E ela trabalhando alfabetizava a gente. Depois, no correr do dia, os filhos mais velhos, que já liam corretamente, tinha que fazer uma leitura em voz alta ao lado dela. E os livros, às vezes, eram repetidos. Porque o nosso drama era não ter livros. Então, eram livros emprestados. A gente lia e relia até decorar, mas tornava a ler. E a minha mãe ensinava pontuação e ensinava muito bem. E ela tinha um gosto pela leitura.

Se a influência para os estudos é uma contribuição da mãe e iniciada em casa, a continuidade dependeu da ajuda financeira de um tio rico, que proveu os estudos escolares da escritora em Rio Verde:

Isso aconteceu quase como um milagre, a minha partida para a cidade de Rio Verde, no sudoeste. Eu tinha um desejo grande de estudar, era até doloroso, porque não havia possibilidade. Mas eu tinha um tio, um tio rico, sabendo dessa angústia, desse anseio, e ele me proporcionou. Mas, quando eu estava no segundo ano em Rio Verde, vieram as férias de fim de ano e ele morreu em um acidente trágico. Mas voltei a estudar dezoito anos depois. Dezoito anos depois, eu entrei no ginásio aqui em Jataí, vinda através do meu atestado, que havia feito as provas de admissão no ginásio. Este papel tinha dezoito anos, mas ainda me valeu. Eu estudava junto com os jovens. Eu não podia estudar no curso noturno porque a minha filha não teria com quem ficar. Então, eu estudei de manhã e isto também foi interessante.

A trajetória de Maria Eloá apresenta as questões relacionadas ao rompimento ou assunção do destino definido para ela, na fazenda. Ela desvia-se do caminho socialmente esperado pela família. Se para Eloá a permanência na fazenda significava a adoção do papel da mulher fazendeira ao mesmo tempo relata que não se identificava com o trabalho da fazenda, apesar de valorizar esse ofício, em suas escrituras e depoimentos, e acabar retornando para o campo, após as temporadas de estudos fora, assumindo as posições na fazenda de forma renovada.

Apesar de considerar que se afastou do papel esperado por ela como filha de fazendeiros, Maria Eloá traz em suas atividades atuais – e não apenas na escritura - a herança da vida na fazenda. Os trabalhos manuais com os retalhos que desenvolve atualmente em Jataí e que a fazem considerar-se uma artesã, carregam as experiências do mundo de origem:

Aos treze anos, eu era uma vara de apanhar mamão. Já tinha crescido o que tinha que crescer. Até os vinte anos vivi a vidinha que a minha mãe me traçou: cozinhar, cuidar da casa, lavar roupa, descarregar, cardar, fiar o algodão que nós mesmos colhíamos. E já estava aprendendo a tecer no tear caseiro. Nesses trabalhos artesanais de tear que são hoje tão valorizados e que a minha mãe fazia questão de ensinar a cada uma das filhas para não quebrar a tradição de várias gerações de mulheres, confesso que fui a única que não prosperei.

Ao falar sobre como se interessou pela literatura, Maria Eloá ressalta o valor da leitura e vincula o gosto pelos livros a uma herança familiar, como uma tradição herdada. Associa, portanto, esse gosto ao grupo de origem:

Na família Franco, é comum. A família Franco é muito grande no estado de Goiás. No sudoeste, nós temos Franco espalhado por todos os municípios. E muito raramente se encontra, entre os Franco, uma pessoa que não gosta de ler. E quando encontra a gente fica admirado. Então, eu não sei explicar de onde veio este gosto da leitura. Eu também não entendo porque um tio rico, fazendeiro, da minha mãe, tinha uma estante com livros da melhor literatura da época. E os livros eram editados em Portugal, edições de Lisboa da cidade do Porto e muitos livros editados em Portugal de franceses e ingleses. Era o melhor. “Os miseráveis” eu li na minha infância. Então, minha mãe pegava emprestados estes livros e a gente lia muito. Eu acho que isto influenciou muito em mim para que mais tarde eu pudesse escrever. Porque a gente primeiro gosta da literatura depois pretende fazer literatura. Eu acho que as pessoas que não lêem não serão escritoras, se escreverem serão medíocres. Temos que primeiro assimilar a literatura e depois com certa timidez, tenta-se escrever também.

Após dois anos de estudos, em Rio Verde, e a morte do tio que provia seus estudos, Maria Eloá retorna para fazenda e permanece durante dezoito anos trabalhando como professora nas escolas das fazendas de parentes em Serranópolis. Durante esse tempo, casa e, quando a filha alcança a idade de doze anos, muda-se da fazenda para Jataí. O estudo da filha estimula-a a voltar a estudar, e ela resolve fazer o ginásio. Cursa o ginásio em Jataí, junto com alunos mais jovens e, quando termina, muda com a filha para Goiânia. Na capital, a escritora cursa o segundo grau, faz o vestibular para o curso de Letras e é aprovada em primeiro lugar. Em 1970, quando cursava o segundo ano de letras, abandona os estudos por motivos familiares, retorna para Serra, agora município de Serranópolis para dirigir o ginásio da cidade a convite do prefeito. Logo depois, ela retorna definitivamente para Jataí.

Duas experiências de Maria Eloá são significativas para entendimento de suas idéias e de sua literatura: o envolvimento com o *esperanto* e a vinculação ao partido comunista. O *esperanto* ela descobriu quando ainda morava na fazenda, através de uma rádio do Rio de Janeiro (Rede Mundial de Rádio). Ela fez o curso pelo rádio e, juntamente com uma prima,

em Jataí, organizou um grupo e começou a se corresponder com pessoas de vários países. A experiência com o esperanto foi interrompida em 1964, com a ditadura militar. Nessa época, houve muita perseguição aos estudantes de Jataí. Ameaçada de prisão, ela suspendeu as correspondências e perdeu o estímulo para continuar.

Em suas avaliações sobre a sua trajetória, a escritora considera que o esperanto possibilitou-lhe o alargamento da sua visão de mundo através do contato que fez com pessoas de diferentes países.

Esta oportunidade do esperanto também me ajudou muito a acordar para um punhado de coisa. Inclusive, esse aprendizado derrubou as barreiras de línguas, porque eu só sei português e esperanto. Naquele tempo, eu mantive correspondência com pessoas de vários países. E para escolher os meus correspondentes, porque nós assinávamos uma revista que é do órgão oficial do esperanto, registrado na Holanda, e trazia muitos endereços de pessoas interessadas em correspondência. E era uma correspondência séria, correspondência importante, correspondência que possibilitava uma amizade verdadeira entre as pessoas. Pessoas de países diferentes, que nunca se encontraram e que não sabem a língua nacional um do outro. Então, eu escolhi pessoas de países de língua eslava. Eu queria fazer um teste com o esperanto para saber se realmente era válido. Se o esperanto serviria pra um intercâmbio internacional entre os povos do mundo. E como a língua eslava não tinha nada a ver com a nossa, e eu não fiz nem inglês, nem francês, nem italiano, nada de língua latina, eu fui buscar lá no oriente da Europa. E verifiquei que o esperanto realmente funcionava.

Durante a segunda experiência em Rio Verde, em 1944-1945 (a permanência anterior, em 1943, foi para cursar o primário) para estudar na Escola Profissional Rural, Maria Eloá conheceu as idéias do partido comunista e interessou-se por elas. No discurso que proferiu em agosto de 1945, durante a militância no partido, a escritora deixa entrever as linhas ideológicas que definiram o seu posicionamento político naquele momento, como se pode verificar no seguinte trecho:

“Por que me tornei comunista”.
Amigos e Companheiros.

...Companheiros, eu, como camponesa que sou, que nasci, cresci e tenho vivido na fazenda, no convívio com os sertanejos pobres da minha terra, bem posso dar-lhes uma idéia do que é a vida para os meus infelizes conterrâneos.

Desde a infância, tenho acompanhado de perto o mourejar constante dos roceiros e a grande miséria que sempre tem habitado em nossos sertões, transformando os habitantes do campo em seres à parte que não têm nada senão o trabalho rude e penoso dos sítios.

E, contudo, não se pode dizer que os sertanejos não sejam capazes de grandes cousas. Quantas inteligências lúcidas não conheço nos invios sertões serranos.

Mas lá não existem escolas e nenhum meio há dessas inteligências se desabrocharem para serem úteis a si mesmas e aos outros. E ali crescem crianças vivazes que se transformaram em jovens indiferentes a tudo que não seja o cultivo da terra e a criação do gado e que são explorados e prejudicados em seus interesses.

Pois, amigos, foi pensando em tantos companheiros que como eu nasceram em tão precárias condições, que fiz a mim mesma o protesto solene de trabalhar, lutar e fazer algo pela nossa emancipação das classes pobres da minha terra (LIMA, 1988, p. 98).

Apesar dessa filiação político-partidária, a escritora fala com ponderação sobre as influências ideológicas do PC e suas idéias críticas em relação às relações de trabalho no campo na época. Para ela, o seu pensamento já tendia a ver tais relações de forma diferente da sua família e encontrou nas idéias do partido uma fundamentação ideológica. É curioso como, em seu relato, a experiência com o PC surge na resposta à pergunta sobre a ênfase que a escritora dá, em seus romances, às categorias de trabalhadores do campo. Para explicar tal característica de sua literatura, ela lembra que os seus pensamentos já estavam voltados para esses sujeitos, quando encontrou as idéias do partido. No momento da entrevista, quando o assunto surgiu, estava presente Antônio Cândido, esposo da escritora, que participou da conversa e enriqueceu o diálogo:

Maria Eloá - Mas era assim, eu coloco os baianos, os agregados... Parece, filha, que a gente já nasce com uma cabeça mais ou menos encaminhada. Depois de Rio Verde, veio a Segunda Guerra Mundial, houve uma liberação grande. O partido comunista se tornou legal e eu me filiei no partido comunista. Se eu me senti atraída é porque eu já tinha uma cabeça encaminhada. Eu, sozinha lá em Rio Verde, não tinha como dizer se eu entraria naquele partido, se era perigoso, diz que mata até criança...

Cintya - A Senhora foi indicada por alguém?

Maria Eloá - Eu morava na casa de uma viúva, que tinha um genro que era comunista. Ele e a esposa. Então, eles me convidaram para participar de uma reunião no comitê. Estava tudo novinho, a guerra tinha acabado de terminar. Eu participei da reunião, comecei a estudar, me informar e eu conservei essas idéias.

Cintya - A senhora ficou quanto tempo no partido?

Maria Eloá - Eu diria que estou nele até hoje, não filiada.

Cintya - Eu soube que a senhora foi candidata a vereadora aqui em Jataí, como foi essa candidatura?

Maria Eloá - Eu fui candidata a vereadora pelo PT. Depois de ter voltado de Rio Verde, meu sogro era completamente avesso à idéia de reforma agrária. Mas o meu marido, que era contra, criticava muito de mim dizendo que todo comunista tinha a calça remendada na bunda, quer dizer, preguiçoso. Aí, eu tentava clarear as idéias dele e deixei-o à vontade. Fica ele para lá com as idéias dele e me deixa com as minhas. Mas depois, lá na fazenda eu comecei a observar. À tardinha, quando vinham peões e peões, porque depois nós tivemos os nossos próprios agregados, esperando terminar de arrumar o jantar, eu comecei a ouvir meu marido a conversar com eles sobre as coisas, tentando colocar na cabeça deles, aquilo que eu tinha pensado em colocar na cabeça dele. Então, isso

foi uma coisa extraordinária. A partir das observações, mas ele não dava o braço a torcer, eu passei a observar. E mesmo antes do PT, a gente já pensava na reforma agrária. Tem até um projeto que nós fizemos juntos, um projeto de reforma agrária, que eu gostaria que adotassem a nível municipal, para a coisa sair. Então, é isso.

Cintya - Eu li, em Serra do Cafezal, um trecho onde a senhora conta um caso sobre a sua volta de Rio Verde, sobre sua relação com a família de agregados de sua avó. Nesse trecho do livro, me parece que a senhora vive um conflito entre a consciência de saber dos direitos dos agregados e a relação com sua avó Floriana. Eu queria mergulhar mais fundo nesse conflito: entre o conhecimento ideológico que a senhora adquiriu em Rio Verde e a sua volta para a fazenda.

Maria Eloá - Esse conflito existiu. Interessante, o meu próprio pai, analisando depois calmamente as minhas idéias, ele aderiu, mas no início não. Eu era vista como uma pessoa perigosa. Quando eu cheguei à região da Serra Cafezal, as pessoas não me repudiaram. Até hoje as pessoas dizem assim: “Eu gosto de você desde o tempo que o povo falava que você era comunista”.

Antônio - Naquele tempo, os agregados eram amigos dos patrões.

Maria Eloá - Ele está reforçando um lado, que eu falei só de mim.

Antônio - Os agregados e patrão eram uma coisa só. Só que uns eram os que trabalhavam e outros os que pagavam.

Maria Eloá - Uns exploravam e outros trabalhavam, mas era isto.

Antônio - Não, exploravam porque aquilo era a vida.

Maria Eloá - Aquilo era vida, mas era exploração.

Antônio - Mas se não der emprego não tem como viver.

Maria Eloá: Eu aceitei o comunista porque ele oferecia oportunidade de tantas mudanças. Eu acho que já tinha a minha cabeça meio encaminhada, porque eu imediatamente aceitei, eu abracei a causa lá em Rio Verde. Agora, sobre o conflito, quando eu percebi que não havia o terreno, não tinha a possibilidade de tocar para frente. Mas eu ainda fiz a campanha de Isabel Santos que foi candidata pelo partido comunista. Ela morreu aqui, em Jataí, foi professora aqui em Jataí. Ela foi candidata a deputada estadual. Então, eu estava de professora na fazenda do pai do meu marido e ainda parti para dar uma força a Isabel lá na região. Fui ver se arrumava mais alguns votos para ela, contrariando todo mundo, com dizeres.

Cintya -E nesse momento, surgiram outros conflitos?

Maria Eloá - Houve conflitos. Eu recebi uns papéis, enviados pela Irmã Delfonso, que era a líder aqui. Eram papéis de propaganda política do PC, papéis de reforma agrária. E eu me aventurei a colocar aqueles papéis na porta da escola que era na fazenda do pai do meu marido. Nessa época, nós já éramos casados. Aí, ele disse: “ - Tire aqueles papéis, meu pai não vai gostar.” Mas eu disse: “ - Lá é uma escola e eu sou a professora.” Mas aí ele próprio foi lá e tirou. Então, o que foi que eu fiz? Botei a viola no saco e descabreei. Não havia campo, não havia como fazer nada, desisti.

Cintya - Como os fazendeiros reagiram a essa entrada do PC na fazenda?

Maria Eloá - Lá na região da Serra do Cafezal, tinha o amigo Teixeira, que era comunista e gostava, e havia uns outros poucos, que apesar de serem donos de terras, gostavam. Mas os outros odiavam, combatiam como um perigo. E também a Igreja Católica, que fazia uma guerra cerrada contra. Eu nunca pude entender os rapazes de roupa vermelha que saíam para todos os cantos. Eles falavam tanto horror, espalhavam livros, cartazes dizendo que o comunismo matava gente, que na Rússia o comunismo era ruim. Então, é como se eu estivesse politicamente morta durante vários anos. Depois, morando aqui em Jataí anos e anos depois, eu vi o PT na televisão e disse ao meu marido: “Eu vou ingressar nesse partido”.

Quando já morava efetivamente em Jataí, Maria Eloá filiou-se ao Partido dos Trabalhadores - PT e depois ao Partido Democrático Trabalhista - PDT e se envolveu com a militância política. Foi candidata à vereadora, desfilou-se duas vezes, por insatisfações

com a organização interna desses partidos. Atualmente, a escritora declara não ser filiada a nenhum partido, apesar das simpatias por tendências políticas de esquerda.

O afastamento definitivo da fazenda transformou a relação objetiva que mantinha com o campo e ingressou na literatura, em 1998, com *Serra do Cafezal*, romance que conta estórias transcorridas nas fazendas da família em Serranópolis. Como ela mesma afirma, a fazenda passa a existir apenas em pensamento e depois em seus livros. Com a publicação do primeiro livro, a escritora ingressou na Academia Jataiense de Letras, mas por pouco tempo. Afastou-se dessa instituição, por não encontrar um grupo de interlocução satisfatório para ela:

Parece que estive mais ligada à fazenda após a minha saída de lá. Isto eu acho importante, quando a gente perde é que a gente dá valor. Quando eu mudei, eu ia pouquíssimo à fazenda. Nós vendemos nosso sítio, nossa sede, como dizem, para o meu sogro mesmo. Então, a gente não tinha compromisso nenhum. Meu marido se transformou em comerciante de gado. Ele comprava muita terra, o dinheiro que sobrava ele comprava um pedaço de terra. A terra não valia nada, a pessoa ficava muito apertada e ele tinha visão. Só que depois as dívidas “demoliram” tudo. Esse amor à terra, esse desejo que chega a ser até meio doloroso, porque às vezes eu fico pensando que se tivesse um alqueire de terra, meio alqueire, eu seria agregada de um fazendeiro, se me dessem. Mas agora na minha idade, não é possível, eu fiz 80 anos no mês passado.

III – Biografia e escritura: espaços entrelaçados por opções de gênero, família e trabalho.

Serra do Cafezal é, acima de tudo, um romance de memória. O livro abraça os objetivos da escritora de escrever a história da avó fazendeira Maria Floriana e, igualmente, a “história do povo da Serra do Cafezal”. Esses dois objetivos – paralelos, mas, em certo sentido, também complementares - de Maria Eloá, constroem a estrutura do romance. A história do livro se molda por um entrelaçamento constante entre a sua biografia, a história de vida da avó, a história do lugar e de grupos: as famílias de fazendeiros da Serra.

Não obstante o recorte geográfico que realiza, o qual delimita a região da Serra do Cafezal como o espaço físico a ser descrito, o romance de Maria Eloá não apresenta as intenções de representatividade e abrangência regional. O livro centra a sua força no vivido, na memória de pessoas e lugares e por esse caminho reproduz uma imagem sensivelmente espacializada, do seu lugar de nascimento. Sem preocupações maiores em retratar a origem da Serra do Cafezal ou mesmo a história dos primeiros povoadores - embora ela mencione, em

poucos parágrafos, o avô pioneiro -, a escritora desenvolve a história tecendo o fio das suas próprias lembranças.

A escritora inicia seu livro com uma breve autobiografia. O relato biográfico prepara o enredo para a história da personagem principal: a avó paterna, por quem Maria Eloá nutria uma profunda afeição:

Eu nasci na casa velha que, depois que meu pai fez a casa nova passou a ser paiol de milho. Esta casa velha ficou de pé anos e anos. Era coberta de folhas de indaiá muito bem trançadas, que meu pai era perito nessa arte. Alguns metros distante da outra, a casa nova foi construída bem na beirada da serra e das janelas da sala que abrem para o poente se descortina uma das vistas mais belas que eu conheço. Foi minha mãe quem deu nome a nossa fazendinha e chamou-a de Fazenda Santa Clara (LIMA, 1988, p. 28).

No relato de um dos passeios de Eloá, da sua casa para a casa da avó, suas descrições entre lembranças e imaginação, começam a traçar o desenho, o mapa da Serra do Cafezal. A descrição do espaço físico acompanha as recordações dos lugares, e estes, são descritos como espaços de sentido. As descrições de Maria Eloá produzem uma noção de espaço que se aproxima da definição de Halbwachs (1990) sobre os *quadros de memória*:

Com o Aniceto pitando seu segundo cigarro, seguimos viagem e logo chegamos à porteira da divisa da fazenda de minha avó Maria Floriana. Começamos a descer pelo vale e, depois de atravessar um capão seco meio arenoso, já estávamos dentro da invernada da fazenda Buriti. O enorme jatobazeiro da beira da estrada e, logo adiante, o pequeno cemitério, garantiam-me que já estávamos quase chegando. Lá longe, na cabeceirinha, os leques dos buritis me acenavam e eu já podia vislumbrar, bem em frente, a copa do pé de genipapapo que meu avô plantara junto ao moirão da porteira do curral em frente (LIMA, 1988, p. 35).

A fazenda da avó e, sobretudo a casa, comportam significados. A autora trabalha com os diversos sentidos que o lugar desperta. Fica demonstrada uma percepção do espaço e do conteúdo desse espaço:

A velha casa também me atraía. Tinha uma história par contar. Ali tudo tinha um significado, lembrava uma data, marcava um acontecimento alegre ou triste. No quintal as velhas árvores eram fantasmas antigos que possuíam os segredos de três gerações. Foram testemunhas “oculares” de muitos momentos felizes e viram também muito drama e muita comédia (LIMA, 1988, p. 36).

Maria Eloá trabalha a interioridade do lugar que ela se propõe retratar, colocando-se *de dentro* dos espaços descritos. Lida com uma linguagem simbólica, ao eleger os objetos de memória como símbolos tradutores de um mundo e da história narrada pela avó:

No fogão enorme, o caldeirão de ferro, negro de meio século de uso, cumpria a tarefa de todas as noites cozinhando o feijão para as vinte e tantas pessoas que, invariavelmente, almoçavam na fazenda. A chuva recomeçara mansa e a água, caindo dos beirais, produzia uma cantinela que se compunha com a melodia doméstica da goteira que pingoteava numa bacia no meio da cozinha (LIMA, 1988, p. 37).

Os objetos e o espaço constroem o quadro das lembranças e da narrativa de Maria Floriana. À medida que a narradora-autora prepara o cenário para receber a narrativa da avó – a cozinha, o caldeirão, o fogo e a água – o universo feminino de uma época e de um lugar começa também a se delinear. Os objetos criam feições imaginárias, literárias. O fogão é enorme, expressa o trabalho que nele é depositado durante anos. O caldeirão é de ferro, pesado, *negro* e trabalha incessantemente para dar conta da lida da fazenda. A chuva apazigua um pouco a densidade do retrato que os objetos compõem e é sempre bem-vinda quando a *temperatura da cozinha* alcança um limite.

As descrições dos lugares, das pessoas, dos caminhos, traçam um desenho real e imaginário que se vai revelando no fluxo da narrativa. Aos poucos, o “quadro da Serra” vai se revelando ao leitor e permitindo a formação de uma imagem de um espaço coletivo. As fazendas da serra não se apresentam como unidades individuais. Apesar de fisicamente separadas, a autora empenha-se em mostrar as relações simbólicas, históricas e sociológicas que constituem aquele mundo como uma unidade. As relações pessoais (entre parentes e vizinhos), aquelas comerciais (da venda, do mascate) as jurídicas (entre fazendeiros e agregados), as políticas (o governo local) e religiosas (o espiritismo e o catolicismo) unem e separam o “povo da Serra” e formam o espaço descrito:

Naquele tempo, as famílias viajavam léguas a cavalo, durante dias, a fim de visitarem parentes e amigos. Para essas viagens, cada membro adulto da família possuía o seu cavalo arreado (LIMA, 1988, p. 256).

As famílias daquele tempo saíam a passeio de Fazenda em Fazenda. Formando verdadeiras caravanas, iam o pai a mãe e a filharada (LIMA, 1988, p. 357).

Na maior parte do romance, a autora interpõe suas próprias narrações entre as narrações da avó – a segunda narradora da história. As narrações também têm lugares e fazem sentido quando realizadas nesses lugares. O romance se inicia quando Maria Eloá, após uma temporada de estudos numa cidade do sudoeste – Rio Verde – retorna para a fazenda dos pais, em férias, e vai visitar a avó em sua fazenda na mesma região. A autora elege a avó como segunda narradora e constrói o romance considerando uma outra construção interior: o estabelecimento de um diálogo com Maria Floriana sobre a sua história de vida. O processo de diálogo entre avó e neta se transfigura em um processo mais íntimo entre duas mulheres que se identificam, e os relatos perdem o caráter de *depoimento* e dão lugar a uma relação que, pela distância intergeracional, vai-se construindo e diminuindo à medida que os diálogos vão sendo estabelecidos entre as duas mulheres.

A senhora está certa, vovó. Concordo plenamente com o seu ponto de vista. Para que o nosso livro retrate bem a sua época, ele tem que ser escrito com as cores da verdade, mas para isso é preciso que a senhora fale comigo sem se preocupar se sou moça solteira ou se sou uma velha da idade da senhora. A realidade está aí para qualquer pessoa ver e sentir. Com as mudanças impostas pelos séculos, essa discriminação que até hoje ainda pesa sobre as “moças solteiras” como a senhora diz e que aqui na Serra do Cafetal ainda é muito acentuada, deixará de existir (LIMA, 1988, p. 179).

Ri com gosto e fiz a consideração de que, à medida que vovó ia desenrolando o seu novelo de lembranças, ali no aconchego da velha cozinha um fato novo acontecia: cada vez mais, ela ia inconscientemente vencendo as barreiras de preconceitos criadas pela diferença das nossas idades e agravadas por eu ser a “moça solteira”. Uma aproximação maior ia acontecendo gradualmente e ela, pouco a pouco ia destramelando a língua esquecida das restrições a que eu me achava sujeita (LIMA, 1988, p. 219).

As falas de Maria Floriana são ouvidas quase sempre na cozinha do casarão da fazenda e em meio à realização dos trabalhos domésticos. As temperaturas – do caldeirão, das panelas, do ambiente interno e externo - os cheiros - das comidas, da natureza e das pessoas; o clima - dos temperamentos e do tempo físico - os gostos - das pessoas e das comidas - tudo, molda as narrações e traduz um sentido para os relatos:

Durante as minhas estadas na fazenda Buriti, eu costumava perambular pelos quatro quantos, dentro e fora da casa. Nas horas em que não sobrava ninguém para me dar atenção, a sombra das laranjeiras e o bananal imenso me acolhiam. O tempo da fazenda de minha avó Maria Floriana passava mais depressa do que em qualquer outro lugar. Ali as horas escorriam rápidas, as tardes fugiam tão rápidas que não davam tempo para nada e a folhinha, inexorável, marcava logo o fim das minhas visitas.

Nas minhas lembranças, como pano de fundo, aparecem sempre as velhas e enfumaçadas cozinhas das fazendas da minha infância. A Fazenda Santa Clara, onde nasci e onde embalei na rede de tabocas as três últimas criancinhas de minha mãe, a Buriti, com o velho cararão construído no século passado por meu avô Joaquim Rio-Grandense e a Canguçu, erguida também no século passado por meu avô Joaquim Luiz bem na beiradinha do aparadão da serra por onde subiam saltando dos galhos dos jatobazeiros os macacos velhacos que vinham roubar milho do paiol, foram o meu mundo. Mas é particularmente das cozinhas que eu me lembro.

Nos casarões das velhas Fazendas, era na cozinha que se batia o papo mais íntimo. Pelas noites quentes, sentadas longe do fogão e com a porta aberta aos perfumes da noite, as pessoas se reuniam para as longas conversas familiares. Quando, nas noites frias de junho, lá fora, zunia um ventinho gelado, as famílias se juntavam ao pé do fogo. (...) Eu adorava essas conversas dos “mais velhos” ali na cozinha, pois naquele ambiente de descontração e intimidade nós, “os meninos”, chegávamos às vezes a ter certa facilidade de penetrar no assunto. Dependendo do que se tratasse, podíamos fazer alguma pergunta ou até, quem sabe, manifestar uma opinião. O que não ocorreria nunca se a prosa fosse na sala onde só se recebia as visitas do sexo masculino. Havendo pessoas estranhas, nós, as meninas e moças, só comparecíamos à sala para levar a bandeja de café com o grande bule esmaltado rodeado de xícaras também de ferro esmaltado, sem pires e nem sempre aparelhadas na cor e no tamanho (LIMA, 1988, p. 358).

O casarão da fazenda e alguns objetos dentro dele despertam o imaginário e conduzem a escritora ao mundo dos segredos. Maria Eloá confessa, no romance, sentir-se atraída pelos baús, pelos grandes tachos de cobre das cozinhas, pelos caldeirões negros e grandes que fervem as comidas nas fazendas. Esses objetos estão no romance também como “objeto para a ficção”. Eles preparam a temperatura da narrativa e trazem significados profundos da vida das pessoas que viveram naquelas casas de fazenda, onde a memória da narradora está também fixada. A morte do segundo marido da avó – um segredo de família – é revelado em uma das conversas da narradora/autora com Maria Floriana e apresenta-se como um momento de aproximação entre elas:

Vovó voltou a falar e na sua voz havia muita mágoa reprimida, muito sofrimento longamente acumulado. Todos aqueles anos, ela nos escondera o fato e eu nunca poderia imaginar uma coisa daquelas. Nem meu pai, nem minha mãe, nem ninguém, naqueles anos todos, deixara escapar uma única palavra sobre aquilo. O assunto fora enterrado e por fora colocaram uma pedra. Pedra que minha avó por sua livre e espontânea vontade, agora tomara a deliberação de remover para mostrar-me aquela verdade tão terrível. Cônsua da responsabilidade que eu lhe conferia de narrar-me para este livro a saga do meu povo, ela foi heróica e profundamente humana não deixando de lado o episódio deplorável da morte de seu segundo marido (LIMA, 1988, p. 358).

É possível então observar que, para a autora, importa o lugar que está sendo narrado – a Serra do Cafezal – como também os lugares onde transcorre a narrativa. As falas e as pessoas adquirem um sentido especial em certos lugares. Para chegar até os agregados da

fazenda da avó, a narradora transpõe os caminhos que separam o casarão da morada do agregado é descrita de forma a dar conhecimento ao leitor das pessoas que habitam aquele espaço e como vivem.

Falar do meu tio Ponciano Alves de Lima é falar da fazenda Canguçu, palco onde vivi, em intervalos regulares, dias movimentados e felizes da minha infância. Aquela velha casa onde minha mãe nasceu, cresceu e viveu até se casar, assim como o velho casarão da minha avó Maria Floriana, ficou indelevelmente grudada em minha memória (LIMA, 1988, p. 315).

Em seguida ela escreve:

A casa velha da Fazenda Canguçu era um casarão acachapado, coberto de telhas, mas de piso de chão batido. A não ser a sala e a “sala velha” cujo piso era de grandes lajes de pedra. Nunca soube o porque da designação de casa velha para a sala de dentro que servia de dormitório para hóspedes e de lugar para guardar os silhões, os baixeiros e as belas mantas bordadas das arreatas dos “cavalos das mulheres”. Desta sala, descendo um degrau, passava-se para a varanda comprida e estreita onde as mulheres se instalavam para descaroçar, cardar e fiar o algodão. Da varanda descia-se por um pequeno terreiro lageado e deste passava-se para a cozinha que era separada do corpo da casa (LIMA, 1998, p. 316).

Maria Eloá descreve a região da Serra do Cafezal obedecendo às fases da própria vida como período da narração. Apesar dos transcurso que faz ao passado anterior ao seu nascimento, através das narrativas da avó, a escritora vale-se de sua trajetória e de suas reminiscências, para construir a história do romance. A história do romance se passa em espaços vivenciados pela autora: o casarão da fazenda da avó, as fazendas dos parentes e conhecidos, as moradas dos agregados, os ranchos dos baianos, os campos, os caminhos entre moradas e fazendas. Os passeios realizados entre esses espaços motivam a descrição da natureza da Serra. Frutos, plantas, flores, capinzais, tudo é descrito “de dentro para fora”. Suas descrições são as de uma observadora que busca interpor distâncias, diminuindo-as sempre que possível.

A autora não se coloca, portanto, como uma observadora objetiva dos fatos, dos objetos e das pessoas. Ela busca, na intimidade das relações estabelecidas pelo convívio familiar, retratar sentimentos e afetividades. Apenas quando a atenção se volta para a construção do livro é que surge uma preocupação com a verdade. Tal apego à verdade,

manifestado por Maria Floriana, não redundando em objetividade. Encaminha-se ao que realmente ocorreu e pede uma correspondência com o real.

- Ói aqui, minha filha, eu hoje vou te contar uma coisa que, se não fosse o livro, eu nunca ia ter coragem de te contar. Quando eu concordei de ajudar você a fazer esse livro, eu logo vi que não ia poder te contar a minha vida pelas metade pois livro é livro e eu acho que eles só tem valor se não esconder nada. Todos os livros que eu já escutei ler é assim. Conta tudo. As coisas boas e as ruins também. Olha aquele livro do Conde de Monte Cristo. É um livro grosso assim e a história ficou comprida daquele jeito só porque a pessoa que escreveu o livro poder ir descobrindo os segredos daquela cambada toda. Eu acho que a história verdadeira, mesmo as dos livros, tem que ser contada sem esconder nada (LIMA, 1988, p. 245).

Não obstante a opção por uma narração feita de *dentro para fora*, a escritora de *Serra do Cafetal* não chega a “engessar” o espaço retratado de forma a não permitir que o leitor tenha uma idéia das relações estabelecidas entre as fazendas da região e a sede do município da época – Jataí. As festas, as compras de certos mantimentos, as diligências policiais, as viagens de estudo são, todas elas, ocasiões em que tanto se procura a *aldeia*, quanto esta vem até a fazenda. As vezes em que o “povo da cidade” ou as “pessoas do governo” se dirigem para a fazenda são avaliadas criticamente pela autora:

Naquele tempo, no Jataí não tinha nem delegacia nem polícia e, de vez em quando, vinha lá da velha capital um delegado com uns cinco soldados pra prender algum criminoso que houvesse. Esses delegados que o governo mandava, costumava pintar e bordar com o pobre do povo. Prendiam a torto e a direito, desrespeitavam as famílias e roubavam cavalos (LIMA, 1988, p. 219).

-Mas nas minhas festas também costumava vir também gente de longe. Da beira da Felicidade, do Córrego da Ponte, da Moranga, da Invernadinha, do Pastinho e até de Jataí que povo de cidade gosta demais de festa da roça.”

Disso eu sabia, pois mesmo nas festas mais modestas, que a vida para ela agora andava dura, havia muita gente de Jataí. Lembro-me bem da discriminação que havia das moças da cidade pelas moças da roça. Podia o baile estar rustindo dos mais animados com as moças da região, dançando felizes que era só chegar um caminhão cheio de gente da cidade para entrar tudo na maior sem-graceza (LIMA, 1988, p. 38).

[...] Por outro lado, as da cidade vinham às vezes espiar na porta. De duas e de três voltavam dando risadinhas, caçoando das legítimas donas do lugar e da festa. Quantas vezes eu ouvi as críticas daquelas moças de Jataí cuja mordacidade chegava aos extremos da maldade! (LIMA, 1988, p. 39).

O mundo da fazenda descrito por Maria Eloá pode ser visto como específico de um tempo e de um lugar, mas a autora não se preocupa em ser cronológica ou em retratar a

origem da região. Ela busca retratar os espaços que fazem sentido para as pessoas que viveram o tempo daquelas fazendas retratadas, daquela região. Não obstante algumas caracterizações mais abrangentes, como a que designa a avó como uma “autêntica pioneira” do início do povoamento ou, ainda faz menção aos fazendeiros fundadores da região da Serra (que não são os mesmos retratados por França), ou senão, quando liga a história da avó à história de um povo, a preocupação com a memória das pessoas e do lugar mostra-se como mais importante do que empreender descrições mais amplas ou revelar o início do povoamento, por exemplo.

Foi naquele mês de janeiro de 1945 que, pela primeira vez, tomei a consciência de que eu devia escrever este livro. Antes, a idéia de ser escritora era apenas um sonho vago, nascido quem sabe do excesso de idealismo romântico, da força dos meus vinte anos ou talvez por influência das leituras absorvidas desde a infância. Era uma idéia inocente. Mas, depois das conversas com a minha avó Maria Floriana naquele ano de 1945, a idéia deste livro foi tomando corpo, foi se estruturando na minha cabeça e começou a se impor, exigente, martelando, martelando sem cessar.

[...] Pungia-me o desejo de contar num livro tudo que eu ouvi, vi e vivi. Já que eu tivera o privilégio de ter nascido entre aquela gente e de participar daquela vida tão rica e tão pobre em que, dentro daquele mundo meio selvagem, mas, por isso mesmo, tão belo, fazendeiros e agregados, vaqueiros e peões de oito se empenhavam numa luta constante, eu sentia que tinha o dever de assumir a responsabilidade de narrar os fatos e de transmitir a minha mensagem de esperança e de fé. Eu desejava contar a história do povo simples esquecido. Queria falar dos seus costumes, suas experiências e suas angústias. Além disso, a minha avó Maria Floriana vivia dizendo: “Minha vida parece um romance, só falta escrever.” O que me levou a assumir com ela o compromisso de fazer este livro (LIMA, 1988, p. 23).

Em seguida ela narra:

A fazendola onde nasci e cresci meu pai montou-a na glebinha que ele herdara de meu avô. As terras no chapadão eram “em comum” com vários outros fazendeiros da beira da Serra do Cafezal. Aquela rica pastagem natural só era aproveitada nas águas.

[...] Na época das chuvas, dava gosto viajar a cavalo atravessando aquela vastidão de campos limpos verdejantes que as manadas de gado pintalgavam. Era gado dos vários donos daquelas terras que, menos gananciosos que os de hoje, mais amigos uns dos outros e mais confiantes, não se preocupavam em dividir com cercas os seus quinhões. Viajando a cavalo da Serra do Cafezal para a cidade de Jataí, uma boa quantidade de léguas era através dessas chapadas e eu gostava de verificar as diversas marcas de gado que íamos encontrando (LIMA, 1988, p. 25)

Serra do Cafezal não se constrói em torno de “fatos e feitos” heróicos. Também não se trata de um romance de fundação de cidades, embora a autora pudesse ter optado por essa temática, já que a história narrada abarca um período anterior à formação do município de Serranópolis, sede do município que abrange a Serra do Cafezal, emancipado de Jataí

em 1958. O fragmento, citado anteriormente, refere-se ao processo de ocupação e desbravamento das terras da Serra do Cafezal e destaca as ações do avô pioneiro de Maria Eloá.

Meu tio Ponciano era um homem extraordinário, bondoso como poucos, mas nele, como em todos os donos de terras, a paixão de ser proprietário de grandes extensões, a idéia de possuir a terra, eram concepções muito arraigadas que estavam no próprio sangue, eram o motivo da vida deles. Meu avô Joaquim Luiz Franco foi pioneiro no desenvolvimento dos Sertões que mais tarde ficaram chamando Serra dos Cafezais, Serra do Café, Serra do Cafezal. O nome veio das grandes plantações que foram surgindo naquelas terras-roxas de primeira. A fazenda Canguçu foi plantada dentro do mato como também o foi a Fazenda Buriti de minha avó Maria Floriana. Quando o meu avô Joaquim Luiz fez a casa e fincou os currais bem na beiradinha do aparado da serra, construiu também o paiol de milho perto do despenhadeiro. Os índios bororos subiam pelos brocotós da serra e vinham roubar milho no paiol do meu avô (LIMA, 1988, p. 83).

No transcurso, a narração, seja da própria autora, seja quando a avó assume o lugar da narradora, movimenta espaço e tempo e permite ao leitor um tipo de marcação e de localização. As chuvas, as águas representam tanto o fluxo da narrativa quanto um tempo real, remetendo às situações vividas pelas famílias de fazendeiros da época:

Naquela noite, sentadas no banco comprido da cozinha, começamos nossa conversa como sempre acontecia, por fatos corriqueiros, pequenos problemas do dia a dia, acontecimentos recentes e sem importância.

- A chuva este mês já está sobrando – era quase sempre ela que começava. – O feijão das águas que mandei plantar na rocinha da beira da serra já está na hora de colher e se não fizer um veranico é capaz dele perder. O pior é que o feijão velho já está só um restico no fundo da tulha e era com este feijãozinho-das-águas que ia dar pra esperar o feijão do tempo...

[..]) – Se amanhã amanhecer chovendo, não vai dar para arrancar a mandioca e a fazeção de farinha da Tamira vai ter de parar. Ela deu o dia de voltar e se ficar esperando o tempo abrir mode torrar o resto da farinha, o marido dela é capaz de ficar incomodado e vir atrás.

Eu nem botava sentido ao que minha avó dizia. Na calidez da cozinha, bastavam-me a sua presença, a presença da casa e da goteira pingando na bacia (LIMA, 1988, p. 37)

As oposições entre o campo e a cidade e das categorias rurais entre si são, igualmente, assuntos que mereceram a atenção da autora em *Serra do Cafezal*. Tais assuntos são apresentados, às vezes, como reflexões da escritora; outras vezes, são parte da narração da avó, no meio de alguma história da família. A oposição fazenda e cidade, quando aparece, aponta para as injustiças cometidas pela pessoas da cidade e a relação dos fazendeiros com os agregados são de igualdade e inclusão. Um trecho da narração de Maria Floriana elucidada esse ponto:

- Nunca fiz casamento de filha minha sem pagode a noite inteira e sempre fiz questão de chamar toda a vizinhança e sem esquecer nem os agregados. Todas as fazendas daqui de roda, quando era no dia, estavam aí, de mamando a caducando, os donos e os agregados. Acho que a gente neste mundo é uns pelos outros e nunca tive grandoria com ninguém.

Desde o início do romance, Maria Eloá deixa para o leitor a sua visão sobre a situação vivida pelas categorias do campo que, segundo ela, viviam em uma situação de exploração. Uma das marcas desse romance, quando visto no rol das histórias construídas sobre Jataí e o sudoeste de Goiás, é trazer para o centro da história categorias esquecidas pela história local oficial. O modo como empreende a narração da história dessas pessoas é considerado uma tarefa, um desígnio. Não apenas escrever a histórica regional mas, sobretudo, daqueles que foram desconsiderados pela história local oficial.

Este livro é uma homenagem aos pioneiros e descendentes de pioneiros da região da Serra do Cafezal. Aos que lá se instalaram nos fins do século passado e a todos os que por lá vivem até hoje.

Esta homenagem simples não se estende apenas aos proprietários das fazendas. De uma maneira particularmente afetuosa, quero homenagear aqui todos os agregados que passaram pela Fazenda Santa Clara, onde nasci e me criei; aos da Fazenda Buriti de minha avó Floriana; aos da Fazenda Canguçu, do meu tio Ponciano Alves de Lima e aos da Fazenda Campeira, de meu sogro, e onde fui morar depois de casada. Agradeço as esposas e filhas desses agregados, todas minhas amigas, pela pressa com que, logo à minha chegada, elas corriam a me preparar um café ou um chá de alfavaca ou de funcho. Em três tempos, improvisavam para mim uma merenda qualquer e sempre com um sorriso grande a lhes enfeitar a face amiga.

Homenageio a todos aqueles que, sem possuir terras, durante tantas gerações, vêm moureando nas roças alheias na região da Serra do Cafezal. Antigamente, segurando firmes o cabo do guatambu nos eitos dos cafezais ou plantando milho, o arroz e o feijão para encher as tulhas dos patrões. Hoje, manejando máquinas caríssimas, semeando e colhendo para abarrotar de grãos os imensos depósitos [...]

De um modo particularmente carinhoso, quero salientar aqui a homenagem que faço aos baianos que, nos tempos da minha infância, a pé quase todos, batendo o chão duro das estradas com as alpercatas de couro cru, vieram da Bahia para trabalhar nas roças de Goiás [...] (LIMA, 1988, p. 21)

Fora do espaço da cozinha, a história de Maria Eloá desenvolve-se nos caminhos que a autora/narradora percorre entre as fazendas, moradas de agregados e ranchos de baianos. Os passeios a cavalo, em companhia de um trabalhador da fazenda da avó, velho conhecido de Eloá, transpõem lugares e tempo e fomentam as lembranças. O encontro com os agregados ocorre em suas próprias moradas que, ao serem descritas pela autora, fornecem a noção dos lugares habitados por essa categoria rural.

Deixando à esquerda a estradinha velha que ia dar na morada do João Baiano, seguimos em frente até chegar numa varginha já bem perto da tapera do Isidoro. As quaresmeiras da beira do brejo estavam roxinhas de flor e, mais longe, na orla da pindaíba, uma árvore se vestia toda com os cachos de flor cor-de-rosa de uma trepadeira silvestre (LIMA, 1988, p. 46).

A autora continua:

O rancho do Secundino era na beira de um Corguinho já bem perto da primeira descida da Serra. De longe, avistei a fumaça branca do fogo do fogão que se elevava acima do rancho e ia se dissipando no ar ao sopro leve do vento (LIMA, 1988, p. 48).

A morada de Secundino é descrita em seu interior:

A cozinha estava bem arrumada. A velha prateleira coberta com alvos panos de saco de sal bordados com motivos ingênuos em ponto de cadeia e com barrinha de crochê. O fogão de jiral, recentemente barreado de tabatinga branca, tinha um barrado de tabatinga amarela. As painéis alinhadas em cima do fogão com a comida pronta, estavam devidamente embarreladas, a lenha arrumadinha debaixo do fogão, tudo denotava que a mocinha herdara mesmo da mãe o asseado capricho que sempre distinguira a mulher do Secundino da maioria das outras agregadas nem por isso menos cuidadosas com as suas moradas (LIMA, 1988, p. 48).

O passeio da escritora prossegue; e, com ele, a narrativa:

Depois do café, saí pro terreiro da cozinha e fui com a Altina dar uma volta pelo quintal. O mandiocal novo estava uma beleza. Embaixo, já quase na beira do córrego, havia uma moita de cana caiana e algumas touceiras de banana-são-tomé e banana-farta-velhaco. As árvores de fruta, mais perto da casa, formavam um bosque espesso (LIMA, 1988, p. 49)

A visita à casa de Secundino desperta a consciência da narradora para questões relacionadas com os direitos dos agregados, constituindo um dilema, um conflito intergeracional entre avó e neta, que aparece noutros momentos do romance. A reflexão da narradora aflora como um dilema insolúvel. A autora justifica a posição tomada:

Caminhando pelo quintal e pela horta, eu ia filosofando e fazendo os meus cálculos. O Secundino morava ali há mais de trinta anos. Tinha, portanto, direito de requerer ao juiz o título de usucapião daquele quinhãozinho de terra (LIMA, 1988, p. 49).

Este é um dos momentos da narrativa em que Maria Eloá faz reflexões e distancia-se do mundo narrado, colocando-se como observadora e crítica. A consciência dos direitos dos agregados foi possibilitada pela experiência política da autora fora da fazenda. A

reflexão relaciona-se com o retorno ao mundo vivido, com o acesso a idéias, a um esclarecimento, que a experiência de estudos fora propiciou. Apesar de não ser tão incisiva ao mostrar a sua posição como uma observadora externa, que sai da terra natal e retorna em condições de ver melhor o mundo circundante do que aqueles que ficaram, Maria Eloá considera os momentos vividos fora da terra natal tanto um período de aquisição de uma consciência política crítica, quanto de conhecimento.

Mesmo atenuando a posição dos parentes que, segundo a escritora, tratavam bem os agregados, Maria Eloá encara como um dilema o tratamento da situação dos direitos desse grupo. A situação do agregado Secundino, na fazenda da avó, motiva a escritora a ampliar a discussão sobre a situação geral dos agregados nas fazendas da Serra do Cafezal:

Se tudo corria bem, iam vivendo como Deus era servido, mas se acontecia de caírem em desgraça com o fazendeiro e tinham de sair da fazenda às pressas, iam embora com uma mão adiante e outra atrás. Sem terem tempo de colher a rocinha ou desmanchar a mandioca, largavam tudo e iam pedir agregação em outra fazenda. Não tinham, pois, a menor garantia.

Mas se alguém vinha lhes falar em lei de reforma agrária, de usucapião e outras que lhes podiam modificar a maneira de vida, eles ficavam calados ou desconversavam. Não acreditavam em leis nem em notícia de jornal.

Quanto à situação de Secundino, eu vivia um sério dilema. Eu podia insinuar ou aconselhar que ele requeresse o direito de usucapião sobre três ou quatro alqueires de terra que, há mais de trinta anos, vinha cultivando. Ali viera morar logo depois de casado. Ali nasceram e cresceram os seus filhos. Ali se casaram suas filhas mais velhas. Enfim, fora ali que ele e a Jacinta envelheceram (LIMA, 1988, p. 50).

E em seguida a autora pondera:

Mas dizer ao Secundino que requeresse a posse da terra para que ela verdadeiramente lhe pertencesse e pudesse, assim, passar a pertencer aos seus filhos por direito hereditário, eu não tinha coragem porque, embora minha avó fosse muito liberal e muito compreensiva, ela não estava à altura de entender o meu gesto e iria colocar a minha atitude na conta de uma traição. E eu idolatrava a minha avó. Não queria correr o risco de perder a sua estima e a sua consideração. O que fazer numa situação daquelas? (LIMA, 1988, p. 51)

É curioso o fato de a escritora destacar em seus relatos fatos pouco mencionados pelos outros escritores sudoestinos. Ela fala dos fazendeiros destacando a ignorância para com as leis, a ausência de interesse pelos fatos de âmbito nacional e uma despreocupação para com a política nacional. Para os demais escritores, a fazenda era um mundo que, apesar de geograficamente isolado, havia a preocupação para com os assuntos nacionais e a política, podendo-se, por exemplo, acompanhar as notícias de fatos nacionais marcantes

através do rádio. Para Maria Eloá, havia uma diferenciação entre os fazendeiros que podiam manter-se inteirados dos assuntos nacionais e aqueles que por questões econômicas insatisfatórias não podiam. Além disso, a escritora diz que havia pouco interesse dos fazendeiros da época por tudo que extrapolava o universo imediato da fazenda, resultando em uma ignorância generalizada no âmbito local.

Os fazendeiros daquela época não liam jornais, não conheciam o rádio e não se interessavam por política. Até ficaram satisfeitos quando Getúlio Vargas implantando uma das mais infames ditaduras das Américas, “proibiu” eleições. Assim eles ficavam livres da obrigação de votar. Se o Estado Novo há quinze anos infelicitava a nação, eles não tomavam conhecimento disto e nem sabiam que os cárceres de Filinto Miller estavam abarrotados de presos políticos que sofriam e morriam de torturas nas garras do ditador de São Borja (LIMA, 1988, p. 145).

Os relatos de Maria Eloá sobre o assunto de sua saída da fazenda remetem às questões locais e regionais e a própria trajetória se insere no contexto social. Em sua narrativa, o universo social apresenta diferenças ao encontrado na literatura local na forma de retratar os personagens do campo. As famílias de trabalhadores e agregados são lembradas espontaneamente pela escritora, mesmo quando o assunto em pauta não se refere a elas. As diferenças entre fazendeiros ricos e pobres, grandes e pequenos, que a sua narrativa revela, constroem uma caracterização do campo menos homogênea e menos harmônica, atentando para as diferenças internas da categoria de fazendeiros e para as relações de dominação e subordinação que ela presenciou. A escritora também deixa claro, desde o princípio do relato biográfico, o seu posicionamento político e ideológico a respeito dessas relações. A história da região da Serra do Cafezal, onde ela nasceu, é narrada tendo as diferenças econômicas entre as categorias de sujeitos evidenciadas desde o princípio, seguindo um eixo discursivo e a opção de sobrepor uma história centrada nas desigualdades sociais à história dos costumes. Ou melhor, uma história dos costumes tecida em meio às relações de dominação e violência, entre fazendeiros e as demais categorias que viviam no campo: os agregados, filhos ilegítimos, negros, mulheres e “baianos”:

Meu pai foi um fazendeirinho pobre, o problema era o seguinte: o Cândido Costa Lima, que é o dito tio da minha mãe, que tinha livros, que eu nunca pude entender porque ele gostava de livros, ele era rico. Ele era um fazendeiro que cultivava muito café. A região recebeu o nome de Serra do Cafezal por causa da abundância de cafezais. Todos os fazendeiros, grandes ou pequenos, tinham os seus cafezais. Meu pai tinha um pequeno cafezal. Mas, os que tinham grandes cafezais e

depois começaram a investir na pecuária e organizava os retiros de criações de gados ficaram ricos. Enriqueceram com o trabalho, embora gente não possa deixar de colocar aí a exploração do homem pelo homem, dos fazendeiros explorando os agregados o tempo todo. Pagavam salários mínimos, quer dizer salário mínimo não é a palavra certa, salários de fome. Eles não passavam fome, porque os agregados naquela época, tinham vida boa. Eles ganhavam pouquíssimo, mas tinham lá sua casinha, tinha seus porquinhos engordando, tinham as galinhas, comiam do bom e do melhor. E quanto ao vestuário, os filhos dos fazendeiros vestiam do mesmo jeito, porque era muito raro o fazendeiro que se preocupava, por exemplo, as moças tinham vestidos bons, de tecidos melhores. Mas alguns, até ricos, não ligavam para isto. As moças eram mal vestidas, descalças. Na nossa casa não servia de exemplo, porque meu pai era um fazendeiro pobre. Meu pai era criado na terra... Então, ele tinha os agregados. Tinha dois agregados que cultivavam na roça para os mantimentos do gasto. Plantava arroz, milho, feijão e não cobrava nada. Mas o meu pai era carreiro, carreiro apaixonado. Ele fazia frete para buscar o sal em Três Lagoas no Coxim.

A transformação regional também é objeto dos relatos de Maria Eloá e assume um caráter de proximidade pela forma com que atinge as famílias de fazendeiros de um modo mais geral. A escritora explica a mudança dos fazendeiros para a cidade por razões ligadas à educação. Suas narrações reafirmam uma característica, que mostra a preocupação dos fazendeiros da região com a educação dos filhos. Todavia, convém atentar para o modo como Maria Eloá destaca as dificuldades e diferenças entre aqueles que podiam “por os filhos na escola” e os “que não podiam”:

Eu não sei explicar bem o que aconteceu. Mas me parece que a mentalidade dos fazendeiros mudou, foram forçados a mudar. Por exemplo, os fazendeiros não vieram para as cidades abandonando terra, vendendo sem um motivo. O motivo era os estudos dos filhos, não havia escolas rurais. Naquela época, os fazendeiros contratavam os professores. O poder público não dava a mínima importância ao pessoal da zona rural. Não havia escola mesmo. Então, o que eu acho que trouxe tanto os fazendeiros como os agregados, que trabalhavam nas terras deles, porque eles também vieram para que os filhos estudassem. Ficaram aí, trabalhando numa coisa ou outra que não era a profissão. Eles eram da terra. Eu acho e até chego a afirmar que o motivo foi este: o descaso do poder público na educação das crianças da zona rural, tanto dos fazendeiros como dos agregados. Porque, na medida do possível, eram contratados professores, repassava-se o dinheiro do cafezal e trazia o dinheiro para o caixa, mas também não havia tantos professores na zona rural. Em geral, os professores eram os escrivões que lecionavam também.

Retornando à história de *Serra do Cafezal*, nota-se a forma como a escritora constrói temporalmente o romance através da demarcação dos acontecimentos significativos para a segunda narradora. Os três casamentos de Maria Floriana marcam o apogeu e a decadência da fazenda Buriti, e o começo e o final das narrações nesse espaço:

- Quando o seu avô morreu – começou vovó – eu fiquei com seis filhos pequenos para criar. A Cota ainda estava mamando e o seu pai tinha só dez anos. Fiquei sozinha com um mundo de coisas para tomar conta. Além desta Fazenda com o Cafezal, as roças e o mundo de gado pra zelar, ainda tinha os retiros lá do outro lado do Rio Verde. Tudo cheio de gado. Uma mulher que fica viúva na idade que eu fiquei, com seis filhos pra criar e que não tem pai nem irmão pra ajudar a tomar conta dos negócios, não tem outro remédio senão casar de novo (LIMA, 1988, p. 231).

O assunto da decadência do mundo da fazenda ingressa na narrativa de Maria Eloá através da situação da fazenda da avó:

Viúva pela terceira vez, já velha, minha avó Maria Floriana viu a Fazenda Buriti entrar em decadência. O gado foi diminuindo, os retiros desativados, sem retireiro, viraram tapera. Os cafezais, invadidos pelo capim-colchão, cariru e campim-pé-de-galinha, começaram a diminuir a produção e, pouco a pouco, foram virando capoeira. Os filhos foram casando e partindo e ali no velho casarão da sede ela foi ficando cada vez mais sozinha (LIMA, 1988, p. 256).

A decadência da fazenda Buriti representa uma mudança muito maior, que se estende à região da Serra do Cafezal, como um todo. A decadência do café, a morte de grandes fazendeiros, a divisão de terras entre herdeiros, a mudança de fazendeiros para Jataí, as mudanças dos costumes, todos são fatores levantados por Eloá para mostrar as transformações maiores que já estavam em processo na Serra do Cafezal.

Pois como eu ia dizendo, as famílias daquele tempo saíam a passeio de Fazenda em Fazenda. Formando verdadeiras caravanas, iam o pai, a mãe e a filharada. Os pequenos na cabeça do arreio do pai ou no colo da mãe, os maiores “a cavalo sozinho” levando na garupa um dos irmãos menores.[...]

As velhas Fazendas, isoladas umas das outras por léguas de campos abertos, de chapadões e de cerrados, de matas e de vales cortados de ribeirões, naquele tempo abrigavam um povo feliz e despreocupado.

A mudança dos costumes se juntou à mudança na maneira de sentir a vida e de conviver uns com os outros. Parece até que, com as terras cortadas de boas estradas, com cada fazendeiro possuindo um ou dois carros, a distância entre as famílias aumentou em vez de diminuir (LIMA, 1988, p. 357).

Em outro trecho, a autora diz:

Hoje, a maioria das famílias de fazendeiros reside na cidade. Quando muito nas férias escolares dos filhos, as mulheres vão passar um mês na fazenda. A maioria delas já desligou de suas origens e chega a desprezar tudo o que lhe recorda o passado (LIMA, 1988, p. 358)

As mudanças atingiram a paisagem da Serra do Cafezal. A destruição do meio ambiente pela modernização da agricultura também ingressa na narrativa do romance. Nesse momento, a narradora deixa o passado e coloca-se no presente, olhando o tempo anterior, e despertando o leitor para um passado inexistente. Nesse momento, ela aproveita para tecer as suas críticas às mudanças e ao progresso:

Esses campos que descrevo aqui já não existem mais. As máquinas assassinas do progresso passaram sobre eles e, arrastando tudo consigo, deixaram a terra nua de qualquer vegetação. Ao ronco furioso dos tratores, os animais fugiram espavoridos e a terra, limpa, sem uma árvore, ficou para sempre deserta (LIMA, 1988, p. 27).

A narração une as mudanças estruturais refletidas na Serra do Cafezal com o desaparecimento de pessoas queridas, próximas da narradora. A morte dos avós, dos tios e de outras pessoas é importante para a autora e é sentida e percebida no espaço físico, pela descrição das fazendas com ares de abandono, ao mostrar o desuso dos instrumentos de trabalho, a destruição dos casarões e o surgimento de taperas nos caminhos, todos conhecidos e lembrados, por onde a autora transita ao narrar. A mudança nos objetos e no espaço físico é apresentada como sinais incontestes da morte inevitável de um mundo.

A morte das pessoas, dos espaços e dos objetos em que a memória encontra um lugar para se fixar traduz a morte da fazenda tradicional do sudoeste, também localizada na Serra do Cafezal:

Caminhando no quintal, eu ia observando restos de rastros do gaúcho meu avô. E ia pensando como a vida traíra a todos os seus descendentes, carregando para longe as possibilidades que nos haviam surgido com a chegada daquele gaúcho a Serra do Cafezal, homem “diferente” que, se não houvesse morrido tão cedo, haveria de nos ter proporcionado meios de penetrar num mundo mais adiantado, onde, através do estudo, tivéssemos podido ocupar um espaço menos estreito. Morto meu avô, com ele se foi a oportunidade e os seus seis filhos ficaram como os outros filhos dos outros fazendeiros da época: apartados num meio inculto, analfabetos, agarrados aos velhos hábitos, ricos-pobres no meio das terras e do gado (LIMA, 1988, p. 230).

Mal cuidado, com o capim-colchão a tomar conta das “ruas”, pé-de-galinha, cariru, o diabo a quatro, o cafezal já não sugeria nenhuma esperança. Os pés de café, garranchentos e amarelos, socados no meio da praga davam bem uma idéia da decadência em que andava a fazenda de minha avó (LIMA, 1988, p. 84).

[...] Aquela devia ser a baixela que minha avó usava nas grandes ocasiões quando a Fazenda Buriti regurgitava de pessoas importantes, entre elas o bispo Dom Prudêncio e o padre Brom.

Tudo agora estava mudado. Com a fazenda em decadência, os amigos “importantes” escassearam e a “baixela” deixou de ter serventia. Mas estava guardada ali como um troféu que recordava os tempos gloriosos em que o meu avô rio-grandense, hospitaleiro e feliz, atendia amável aos muitos amigos que, atraídos pela sua simpatia e pelo temperamento alegre de minha avó, aportavam com frequência à Fazenda Buriti (LIMA, 1988, p. 121).

REFERÊNCIAS

- BERTAUX, Daniel. *L'approche biographique: as valité méthodologique, ses potentialités*. Cahiers Internationaux de Sociologie. V. LXIX, 1980.
- BORGES, Heloisa Helena de Campos. *O romance em Goiás: construção e singularidade do seu processo narrativo*. Dissertação de Mestrado, PPGLL – Faculdade de Letras, UFG, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. IN: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 62/63 – juin 1986.
- _____. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UnB, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HALBWACCS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- JACINTO, Andréa B.M. J. *Margens escritas: versões da Capital antes de Brasília*. Tese de doutorado. PPGAS, Brasília: Editora da UnB, 2003.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- LIMA, Maria Eloá de Sousa. *Serra do Cafezal – Retratos e Lembranças*. Jataí: Edição da autora, 1988.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- PINA, Carlos. Sobre la naturaleza del discurso autobiográfico. *Anuário Antropológico/88*. Brasília: Editora UNB, 1991.
- POLLAK, Michael, HEINICH, Nathalie. Le Temoignage. *Actes de La recherche en sciences sociales*, nº 62/63-juin 1986.
- _____. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.
- RODRIGUES, Cintya Maria Costa. *Histórias sobre lugares: histórias fora de lugar? Os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás*. Tese de doutorado. PPGCS/IFCH/UNICAMP, 2006.